

SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR: REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA*

Joanna Lessa Fontes Silva*

Resumo: O futebol brasileiro nasce das elites e passa por um complexo processo de difusão no território. Rapidamente adquire popularidade nas várias camadas sociais e torna-se uma das grandes paixões brasileiras. Durante esse processo, vai sendo praticado em diferentes figurações sociais, as quais se consolidarão no cotidiano das cidades. Entre elas, o futebol amador. A partir de alguns estudos históricos do futebol, das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, este trabalho procura recortar a história do futebol, dando ênfase ao surgimento de um futebol amador. Com base nas teorias de *campo* e *figuração social* (respectivamente Pierre Bourdieu e Norbert Elias), refletimos sobre a consolidação deste futebol, suas relações de interdependência com o futebol profissional e sua permanência na realidade social a partir do caso recifense.

Palavras chaves: história do futebol, futebol amador, relações de interdependência

Abstract: Brazilian soccer was born in the élite and went through a complex process of diffusion throughout the territory. Soon, by gaining popularity in the various social classes, soccer has become a major Brazilian passion. In this process, it has been practiced in several social figurations which have been consolidated in the everyday of Brazilian cities and towns. Among them, there is the amateur soccer. Based on some historical studies of soccer, the cities of São Paulo, Rio de Janeiro and Recife, this work seeks to cut history of soccer, emphasizing the emergence of an amateur soccer. Based on the theories of *field* and *social figuration* (respectively from Pierre Bourdieu and Norbert Elias), reflect about the consolidation of this soccer, the interdependent relationships established with professional soccer and its staying in the social reality from the case of Recife.

Key-words: futebol history, amateur soccer, interdependent relations

O futebol brasileiro nasce das elites, rapidamente adquire popularidade nas várias camadas sociais e torna-se uma das grandes paixões brasileiras. Durante esse processo, vai sendo praticado em diferentes *figurações sociais*, as quais se consolidarão no cotidiano das cidades. Entre elas, o futebol amador.

Quando falamos em futebol amador nos referimos a uma *figuração* específica que se delinea na realidade social. Deste modo, é possível perceber que não falamos em “o futebol”, mas, ao modo de Damo (2003), em “futebóis”. É nesta diversidade que situamos esta prática futebolística e buscamos compreender como ela se construiu historicamente. É importante ressaltar que seu surgimento e consolidação num *campo* futebolístico estão

* Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado “Os Significados do Futebol Amador recifense a partir de sua interdependência com o Futebol Profissional”, UFPE, 2009.

* Doutoranda em Sociologia e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Sociologia do Futebol-UFPE

diretamente relacionados à sua interdependência com o futebol profissional, que lhe assegura a função de “celeiro de craques”.

Neste artigo, a partir de alguns estudos históricos do futebol das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, procuramos trazer a história do futebol, dando ênfase ao surgimento de um futebol amador. Num segundo momento, com base nas teorias de *campo* e *figuração social* (respectivamente de Pierre Bourdieu e Norbert Elias) refletimos sobre a consolidação deste futebol, suas relações de interdependência com o futebol profissional e sua permanência na realidade social a partir do caso recifense.

Re-visitando a história

De acordo com a história oficial, o futebol chega ao Brasil a partir do paulistano Charles Miller que, ao retornar da Inglaterra, em 1894, traz na mala: “...um livro de regras do *association football*, uma camisa do *Banister School* e outra do *St. Mary*, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras” e socializa entre seus colegas, “*jovens de boa família*” a modalidade que viria a tornar-se uma paixão nacional (MÁXIMO, 1999; SANTOS NETO, 2002). Esta é considerada a história oficial, mas recentes estudos demonstram a multiplicidade para o início deste esporte no país. O trabalho de Santos Neto (2002) aponta para os tradicionais colégios paulistas; outras possibilidades são indicadas por Máximo (1999):

(...) os nascimentos não documentados, que nos falam de holandeses jogando bola nas areias de Recife em 1870, de ingleses improvisando rachas na praia da Glória carioca em 1874, dos marinheiros do Criméia fazendo o mesmo num capinzal próximo da residência da princesa Isabel em 1878, de funcionários de uma firma paraense de navegação enfrentando os de uma companhia de gás na Belém de 1890, além de empresários ingleses que muito antes, em 1876, já haviam ensaiado seus dribles no interior de São Paulo (p.180).

Estes fatos não retiram a importância de Charles Miller para a difusão do futebol no Brasil; segundo Santos Neto (2002): “o pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também”(p.30).¹ Demonstra, por outro lado, que a difusão do futebol no Brasil teve vários agentes e rotas. Segundo Jesus (2000), a difusão espacial do futebol está diretamente relacionada ao imperialismo inglês e sua grande área de influência. Assim, marinheiros,

¹ Em Pernambuco também teremos nossas diferentes possibilidades quanto à chegada do jogo. Segundo os cronistas Givanildo Alves e Haroldo Praça o futebol chega ao estado através de um pernambucano que voltara da Inglaterra: Guilherme de Aquino, que mais tarde participará diretamente da organização do Sport Club do Recife. No livro de Givanildo encontramos também que a empresa Great Western já praticava este esporte sendo a primeira a ajudar Aquino para realização da primeira partida (ALVES, 1978; GUIMARÃES, 2001).

técnicos de ferrovias ou operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis egressos das universidades européias, e missionários europeus são alguns dos possíveis agentes difusores desse esporte. Num território vasto como o Brasil, isso implica também na diversidade de lugares que começaram a praticar o futebol quase que simultaneamente (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém), ainda que com velocidades diferentes na adoção e popularização deste esporte.

A entrada deste esporte no país se dará através das elites e vai ser evidenciada por vários autores nas diferentes cidades brasileiras: Pereira (2000) e Lopes (1998) no futebol carioca, Santos Neto (2002) no futebol paulista, Couceiro (2003) e Alves (1978) no futebol recifense, entre outros. Cada local com suas peculiaridades transformará os momentos do jogo em espaços de encontro da alta sociedade. Segundo Alves (1978):

Ele [o futebol] continuou tímido e vagaroso durante 4 anos, ao longo dos quais somente três clubes jogavam: Sport, Great Western e Western Telegraph. Os encontros pareciam mais sociais do que esportivos. Terminado um jogo, fosse qual fosse o resultado, os jogadores saíam incorporados ao “bufet”, bebiam a vontade, cantavam, davam “hurras” e depois se dispersavam (p.22).

Esse movimento, porém, não durará mais de uma década, ganhando em pouco tempo outros espaços. Nas várias cidades, passado o estranhamento que “onze homens correndo atrás de uma bola” trazia, com sua apropriação pelas elites e a criação de um discurso sobre os esportes como boa prática para conservação do corpo saudável, o futebol logo se espalhará pela cidade. No Rio de Janeiro, esse processo terá início pelos locais próximos a clubes, chegando em pouco tempo ao subúrbio. Num primeiro momento, as famílias mais ricas destes bairros mais distantes irão apropriar-se desta prática; com a realização de espetáculos públicos ao ar livre pelas cidades; aos poucos teremos outros agentes a utilizar o futebol como prática de lazer: a camada popular (PEREIRA, 2000). Em Recife, este processo se dará de forma semelhante – guardadas as peculiaridades de tempo e desenvolvimento de cada cidade. Essa apropriação pelos “novos agentes” evidenciará claramente a desigualdade social e o preconceito da época, como nos aponta Santos Neto (2002) na cidade de São Paulo:

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o “grande futebol”, o das elites, e o “pequeno futebol”, dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos **gentlemen** ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de “canelas negras” (p.53).

No trabalho de Pereira (2000) encontraremos outras evidências dessa diferenciação, como a restrição expressa nos estatutos dos clubes cariocas à participação de negros e pobres. Além disso, os valores altos cobrados para participação nos clubes já eram delimitadores de classe.

Essa fase, predominantemente elitista, mas também sujeita à curiosidade e à ressignificação por outros agentes, como nos mostram Pereira (2000), Santos Neto (2002) e Couceiro (2003), será caracterizada por um sentimento esportivo miscigenado com as antigas e novas práticas esportivas do país e ainda não submetidas à profissionalização. Assim, o futebol que chega ao Brasil, com regras prontas que uniformizam não só a dinâmica do jogo, mas suas condições de espaço, tempo e material, será praticado predominantemente como forma de divertimento.

Este sentido atribuído não será ao acaso. Esta orientação da prática futebolística, como vimos anteriormente nos campos ingleses, será característica de um momento de resistência a mudanças no equilíbrio de poder que será evidenciado também pelas atividades de lazer. Os times “suburbanos” e “pequenos” destacados por alguns autores como populares correspondem, na verdade, a uma nova elite que emerge às margens do *status* senhorial. Fruto das novas configurações nos *campos*² social e econômico brasileiros, essa nova elite em que prevalecem os valores relacionados à busca da riqueza e ao acúmulo do lucro, serão menos resistentes a mudanças no *campo* esportivo que privilegiem esses valores em detrimento daqueles de manutenção de uma distinção de classe³.

É possível evidenciarmos isso quando pensamos na institucionalização crescente do futebol no país. A criação de instituições como Ligas e Associações Esportivas nas cidades (Liga Paulista de Futebol (SANTOS NETO, 2002, p.65), Liga Metropolitana de Foot-ball (PEREIRA, 2000, p.63), Liga Recifense (GUIMARÃES, 2001)), mais tarde englobando os estados, dá-nos um indício do que está por vir. Essa institucionalização atingirá também o futebol suburbano⁴. Este, formado pelas equipes consideradas não “dignas” de fazer parte das

² Utilizaremos neste trabalho o conceito de *campo* desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para o estudo de práticas culturais distintas como a ciência, a arte, a alta costura e o próprio esporte; mas que mantêm entre si como fenômenos sociais, simultaneamente, autonomia e dependência. Segundo o autor, trata-se de um espaço social constituído de regras, onde instituições ou indivíduos estão em disputa pelo mesmo objeto e existe uma constante relação entre si e com os outros *campos*; ao mesmo tempo que possui leis gerais – que podem ser encontradas em todos os *campos* – possui suas especificidades a partir das relações, posições e interesses dos indivíduos que os compõem (BOURDIEU, 1983; 1990).

³ É importante ressaltar que tratamos aqui de elementos de predominância. A busca da riqueza também era feita pelas elites aristocráticas, mas somente até o limite em que não pudessem ferir os preceitos que lhe conferiam distinção de classe. Esse limiar vai variar de figuração para figuração e transformar-se ao longo da história.

⁴ Podemos citar os exemplos da Liga de Futebol Suburbano criada em 1907 no Rio de Janeiro (PEREIRA, 2006) e a Associação Suburbana de Desportos Terrestres (ASDT) criada em 1929 no Recife (GUIMARÃES, 2001).

ligas “oficiais”, tem critérios de participação mais abertos e por isso dão um passo no sentido da democratização desse esporte⁵. São os clubes das fábricas que exibirão realmente uma configuração social diferenciada no que tange à presença de populares (PEREIRA, 2000).

Essas instituições formadas, oficiais e suburbanas, vão ser espaços de disputa do *campo* futebolístico: de um lado, os dominantes, os clubes tradicionais, legítimos representantes do esporte europeu, os verdadeiros *sportmen* defensores da prática amadora orientada para o divertimento; de outro, os recém chegados, que buscam conquistar espaço no *campo* através da vitória em campo, utilizando para isso estratégias que vão de encontro aos valores amadores⁶. Assim, as disputas pelos valores que devem prevalecer no futebol são evidenciadas neste período com a constante criação e (re)criação de instituições para organizar o futebol.

Porém, esta forma de divertimento, essa prática amadora terá sua crise entre os anos 1920 e 1930. O chamado “amadorismo marrom” já era visto em vários clubes através de recompensas e empregos. Os jogadores dos times menores que se destacavam (inclusive negros e mestiços⁷) começam a ser admitidos nos times grandes, assim como nos selecionados estaduais e brasileiro (SANTOS NETO, 2002; LOPES, 1994, 1998; PEREIRA, 2000).

Pereira (2000) indica-nos uma alteração nos valores do futebol brasileiro, a qual estaria sendo alimentada pelo “profissionalismo oculto”, mantendo sob a aparência dos princípios amadores equipes constituídas em grande parte por jogadores remunerados. A ida de jogadores brasileiros para times do exterior em busca de reconhecimento profissional e melhor remuneração⁸ e a inclusão do jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista no Governo Vargas podem ser considerados marcos anunciadores do profissionalismo no Brasil.

O novo sentido que anos antes o futebol – e outros esportes – adquiriam na Inglaterra e Europa de forma geral, consolida-se no Brasil. O *ethos amador* dava lugar agora a

⁵ Outra possibilidade de democratização advém dos curiosos que assistiam aos jogos nos campos cariocas – ainda naquele momento de várzea e os reproduziam na rua.

⁶ Esta análise baseia-se na teoria bourdesiana de *campo*. Mais detalhes ver Bourdieu (1983).

⁷ A presença dos negros e mestiços será alegada, por muito tempo, como a razão dos defeitos e derrotas que o futebol brasileiro vai ter (confirma LOPES, 1998). Segundo NEGREIROS (2003): “Ao mesmo tempo que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a capacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares” (p.4).

⁸ Franco Júnior (2007) tece uma lista destes jogadores: “Fausto (1931, Barcelona), Leônidas (1931, Peñarol), Tupi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho (1931, Lazio), Ministrinho (1931, Juventus), Rato e Filó (1932, Lazio) – este último se tornaria campeão mundial jogando pela Itália na Copa de 1934 – e Domingos da Guia (1933, Nacional do Uruguai) (p.75,76).

um *ethos professional* fazendo com que paulatinamente o *campo* dos esportes passasse a estabelecer relações cada vez mais fortes com o *campo* do trabalho institucionalizado.

Há, a partir da profissionalização deste esporte, uma ênfase nas figurações profissionais. Deslocadas das práticas das novas elites do país, as figurações amadoras passam a vigorar socialmente como elemento secundário - de suporte ou reflexo do futebol profissional. Sob novas configurações sociais e em consonância com os significados construídos e atribuídos ao futebol, elas seguem seus percursos no processo de desenvolvimento deste esporte ocupando novos espaços e sentidos no *campo* futebolístico brasileiro.

Pensando uma história do futebol amador – o caso de Recife

Historicamente, o futebol amador tem como seu ancestral mais próximo o futebol suburbano. Num tempo em que todo o futebol era amador, a sua divisão preponderante estava relacionada a critérios de *status* social. Da Liga Sportiva Pernambucana (LSP), criada em 1915 – mais tarde Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT) -, só poderiam participar os times formados por indivíduos das elites ou que fossem aceitos por eles. Paralelamente, com a popularização do futebol, nos subúrbios da cidade do Recife, outros grupos se formavam culminando na criação da Associação Suburbana de Desportos Terrestres (ASDT), em 1929. Paralelamente à LPDT, a ASDT realizava seus próprios campeonatos, inclusive sendo um deles considerado o maior do Brasil à época, com 38 clubes. Neste período em especial, quando não existia um futebol profissional, os campeonatos suburbanos roubavam a atenção. Segundo Alves (1978):

No ano seguinte [à fundação da ASDT], o futebol suburbano cresceu assustadoramente. A tal ponto que os campos da primeira divisão ficavam praticamente vazios, quando, no mesmo dia, se realizava um clássico suburbano. (...) Os jornais foram obrigados a criar uma página dedicada única e exclusivamente ao campeonato da ASDT. Pela força do seu bom futebol e das suas torcidas, alguns clubes terminaram ingressando na primeira divisão (p.150).

Essa incorporação à primeira divisão acontece em um momento já preliminar à profissionalização do futebol. Os suburbanos de destaque passaram a fazer parte do grupo que mais tarde corresponderia ao futebol profissional e os demais permaneceram nos arrabaldes da cidade formando o que hoje temos como futebol amador. A ASDT que tinha a idéia primeira de ser uma associação autônoma durou pouco tempo, subordinando-se à LPDT tempos depois. Infelizmente, os registros históricos do futebol recifense ainda são esparsos e por isso encontramos apenas algumas menções ao suburbano.

Com a profissionalização chegamos à diferenciação mais comum de hoje: amador e profissional. Possivelmente, os times de elite e os suburbanos que não se tornaram profissionais, mantiveram-se como amadores. De lá para cá, temos alguns relatos de campeonatos de bairro, ou promovidos por jornais e empresas, especificamente para times amadores. Em anos mais recentes teremos notícias da organização de campeonatos pela Federação Pernambucana de Futebol (FPF) e pelo Poder Público, voltados especificamente para o futebol amador.

As relações de interdependência entre o amador e o profissional

Unanimemente, para os informantes que participaram do nosso trabalho, um personagem estabelece o elo que estaria mais forte na relação entre futebol amador e futebol profissional: o olheiro.

O ponto de convergência entre o futebol de várzea e o futebol profissional está em que aquele funciona como o grande celeiro deste. Para isso existe o “olheiro”, quase sempre um profissional remunerado pelo clube, recebendo por serviços prestados. Gente que entende de futebol, que sabe vê o jogo, daí o nome de olheiro, vendo no meio de tantos o craque em potencial que se encontra escondido no peladeiro (Lucídio Oliveira, entrevista da pesquisa).

O olheiro seria o grande intermediário entre os clubes amadores e os clubes profissionais e consolida a função do futebol amador como “celeiro de craques”. Nos dias de hoje, porém, os relatos apontam uma diminuição grande da presença – e até existência – de indivíduos com essa função.

Pensar no passado parece estabelecer uma referência de proximidade maior entre os futebolistas que tratamos aqui, principalmente devido à pequena distância que separava os amadores e os profissionais no início da profissionalização deste esporte. Neste sentido, encontrar relações no passado parece mais fácil do que no presente.

Dito isto, encontraremos algumas aproximações entre o futebol amador e o futebol profissional durante o desenvolvimento do segundo. De acordo com os relatos⁹, havia uma preocupação maior dos clubes profissionais com o futebol amador. Existiam pessoas específicas, contratadas para observar jogadores nos jogos dos subúrbios e a partir de seu destaque trazê-los para os grandes clubes. Esta função era exercida pelos olheiros. Os olheiros eram os “caça-talentos”. Geralmente estavam presentes nos jogos de bairro, nas cidades de interior e em estados próximos em busca dos destaques que pudessem levar ao clube.

⁹ Aqui me refiro às entrevistas realizadas para a construção do trabalho.

Além do olheiro, considerado o elo mais forte entre estes futebóis, as equipes amadoras também estavam mais próximas dos grandes clubes. Algumas delas, próximo a campeonatos, eram chamadas para fazer amistosos com os times profissionais. De outro lado, os grandes clubes participavam dos campeonatos de amadores, só que utilizando outro nome e, os treinadores, conseqüentemente, tinham mais contato com as equipes amadoras, seus jogadores e dirigentes.

Esse passado, porém, não está tão distante. O passado dos olheiros e dos amistosos com os grandes clubes é um passado recente na cidade do Recife. Nele, o trânsito de jogadores entre clubes amadores e profissionais era mais intenso, pois não havia ainda uma supervalorização de conhecimentos táticos e os conhecimentos técnicos e físicos ainda podiam ser alcançados pelos jogadores que treinavam de forma não-sistemática nos campos de várzea.

O futebol amador permanece?

Nossa pesquisa aponta que na perspectiva do futebol amador, formar atletas para o futebol profissional é a grande função deste futebol. É enviando os jogadores para os grandes clubes que as equipes legitimam sua prática. A figura do olheiro, nesse sentido, é fundamental e quando não se faz presente é percebida como uma desvalorização do futebol dos clubes profissionais para com o futebol amador.

Na perspectiva do futebol profissional, sob o olhar do futebol amador, os atletas das várzeas e subúrbios permanecem como os grandes artistas do futebol, que extrapolam o conhecimento técnico e levam consigo uma habilidade inata. Admite-se, porém, que hoje as condições técnicas e táticas do profissional para o amador estão cada vez mais distantes. Com isso, “os habilidosos” precisam ser encontrados mais cedo, nas escolinhas e nos campeonatos infantil e juvenil para que possam ter as condições físicas necessárias para o jogo; os treinadores deixam de ser os donos do time, ou as figuras incentivadoras para serem treinadores específicos - ex-profissionais, jogadores mais habilidosos etc. - para que possam melhor preparar os futuros jogadores. O olheiro permanece então como figura importante, só que em espaços com jogadores cada vez mais jovens.

Com isso, o futebol amador e futebol profissional se distanciam a tal ponto que uma autonomia do futebol amador (quem sabe um *campo* específico?) parece delimitar-se, colocando a ênfase não mais na produção de jogadores para o futebol profissional, mas na prática amorosa, por vezes saudável, e/ou nostálgica de jogar futebol. Os times veteranos se

multiplicam. Além dos clubes – como *figuração* principal do futebol de forma geral – passamos a ter os “times organizados”.

Pensando a teia de relações interdependentes, com auxílio do conceito bourdieusiano de *campo*, ambas as figurações – clube e times organizados – disputam o capital deste *campo*. O que teremos, porém, é cada vez mais a presença de times organizados graças às condições dadas na sociedade contemporânea, tanto no que diz respeito ao espaço, quanto às novas relações que emergem entre os indivíduos no singular e os indivíduos no plural.

Referências Bibliográficas

- ALVES, G. **História do futebol em Pernambuco**. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- BOURDIEU, P. Alta costura e alta cultura. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983, p. 154-161.
- _____. Algunas propiedades de los campos. In: BOURDIEU, P. **Sociología y cultura**. México: Conaculta, 1990b, p. 135-141.
- COUCEIRO, S. C. **Artes de viver a cidade: conflito e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 1920**. 2003. 320 f.. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**. Porto Alegre, v.9, n.2, p.129-156, 2003.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994b, vol. 1 e 2.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, H. P. **Gol de Haroldo: crônicas esportivas**. Recife, Ed. Do Autor, 2001.
- HOBBSBORN, E. J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JESUS, G. M. de. Considerações Teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais** (ISSN 1138-9788), n.69(23), Universidad de Barcelona, agosto/2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-23.htm>
- LOPES, J. S. L. Futebol ‘mestiço’: história de sucessos e contradições. **Ciência Hoje**, 1998. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/images/ch%20on-line/especial/futebol/artigo1.rtf>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.
- MAXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 37, 1999, p. 179-188. Disponível em: <http://www.scielo.br>
- MELO, V. A. de. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, FAPERJ, 2001
- NEGREIROS, P. J.L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2727/2264>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.
- PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SANTOS NETO, J. M. dos. **Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.